

Resumo de notícias econômicas

16 de Novembro de 2021 (terça-feira)

Ano 3 n. 214

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 16 NOVEMBRO DE 2021

- **Varejistas inovam e apostam fichas na onda da ‘fintechmania’**
- **Encontro do agronegócio discute avanços da COP-26**
- **Com insumos biológicos, Biotrop busca espaço no mercado**
- **Lançamento de CPR’s Verdes**
- **ESG no campo**
- **Mercado de Frutas no Canadá**
- **Ações de exportadoras têm alta na contramão da Bolsa**
- **Alta da Selic deve travar investimentos**
- **Aneel prevê que conta de luz deve subir mais 21% em 2022**
- **Entidades cobram solução do governo para preço da energia**
- **Com ajuda da inflação, contas públicas podem fechar no azul**

Varejistas inovam e apostam fichas na onda da ‘fintechmania’ (16/11/2021)

Broadcast

Varejistas com menos capacidade de investimento recorrem a fintechs por serviços financeiros próprios. O bairro do Brás, na região central de São Paulo, se tornou um dos principais pontos de comércio da capital paulista. Não à toa, a região é uma das que mais concentram microempreendedores na cidade: são 5 mil lojas e cerca de 4 mil confeccionistas espalhados por 55 ruas do bairro. Por dia, circulam, em média, 300 mil clientes por lá. Logo, com tanta gente querendo vender e comprar, a fintech Pagmoda, percebeu a oportunidade de oferecer serviços financeiros, desde conta digital até maquininhas de cartão, para os comerciantes que fazem negócios ali diariamente.

Ligada ao grupo Vab, da rede Lojão do Brás e da Feirinha da Concórdia, a Pagmoda já emprestou R\$ 7 milhões e alugou 400 maquininhas para empresários da região. Seja para conquistar um determinado público ou trazer facilidades para os clientes, há um movimento no varejo brasileiro de criar cada vez mais produtos financeiros. É a “fintechização” do setor. Empresas como Magazine Luiza, Mercado Livre, Via (dona da Casas Bahia), já atuam nessa área. Porém, agora, varejistas com capacidade de investimento bem menor também querem um banco para chamar de seu.

Para tornar esse desejo realidade, há uma série de empresas e consultorias prestando esse tipo de serviço chamado “banking as a service” (Baas), que nada mais é do que a terceirização de serviços financeiros sob medida. É o caso, por exemplo, da consultoria A&S Partners. Entre as suas especialidades, está a de estruturar banco digitais para as empresas, como a Pagmoda. Segundo Wagner Moraes, sócio-fundador da consultoria, trata-se de um movimento sem volta para fidelizar os clientes. “O custo está cada vez menor. Com um investimento de R\$ 3 milhões a R\$ 5 milhões, uma empresa já consegue abrir o seu banco digital”, diz Moraes. Foi o caminho adotado pela Pagmoda. O público-alvo da fintech são os pequenos empreendedores do Brás, muitos deles estrangeiros, que têm pouco ou quase nenhum histórico de crédito. Ou seja, aquele público que os grandes bancos pouco olham.

Encontro do agronegócio discute avanços da COP-26 (16/11/2021)

O Estado de S. Paulo

A 26ª Conferência do Clima (COP-26) se encerrou em Glasgow, Escócia, com definições e sobretudo quanto ao financiamento do mercado global de carbono, assunto no qual o agronegócio brasileiro é interessado. Temas relativos ao que foi discutido na COP-26 serão debatidos durante o Summit Agronegócio 2021s. O evento, online e gratuito, contará com a abertura, por vídeo, dos governadores tucanos João Doria (SP), e Eduardo Leite (RS). Em seguida, uma ativa participante na COP-26, a diretora da Fairr Initiative, Maria Lettini, fará a palestra de abertura. A executiva está à frente de uma associação que abriga os maiores investidores globais, com uma carteira de US\$ 40 trilhões em investimentos. Lettini afirma que a primeira exigência dos associados da Fairr, sobre onde aplicar seus recursos, é que os interessados trabalhem pautados pela sigla ESG (“environmental, social and governance”).

A programação prossegue com o painel “Conferência do Clima – um Balanço do Agro” o qual têm presença confirmada Deise Dallanora, diretora de Food Solution Innovation da Yara Brasil; Eduardo Delgado Assad, pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária e especializado em mudanças climáticas, e Nelson Ananias, coordenador de Sustentabilidade da CNA. O segundo painel do dia discutirá “Como a Tecnologia Ajuda o Meio Ambiente”, no qual os debatedores mostrarão que a tecnologia aplicada ao campo já contribui e pode contribuir cada vez mais na direção de uma produção agrícola e pecuária sustentável. Vão integrar este painel Almir Araújo, que é diretor de Digital, Novos Modelos de Negócios e Excelência Comercial em Soluções para Agricultura da Basf América Latina; Álvaro Luiz Dilli Gonçalves, diretor de RH, TI e Sustentabilidade da SLC Agrícola e Flávio Bonini, gerente de Serviços Técnicos da Mosaic Fertilizantes. O Summit Agronegócio apresenta as startups com forte atuação no agronegócio. Debaterá os avanços que o País tem obtido na logística voltada ao agronegócio. Várias concessões de ferrovias, por exemplo, têm destravado, além de estar em discussão a “BR do Mar”, que regulamentará a navegação de cabotagem no País, ambos assuntos de extremo interesse para o agronegócio.

Com insumos biológicos, Biotrop busca espaço no mercado (16/11/2021)

Broadcast

A brasileira Biotrop, empresa de defensivos biológicos e inoculantes controlada pelo fundo Aqua Capital, está com um pé no mercado europeu e no norte-americano. A partir do ano que vem, espera obter os registros para venda de insumos nesses locais. A meta da empresa é em dois a três anos atingir 40% de faturamento com exportações, conta Jonas Hipolito, diretor de Marketing e Estratégia. Em 2020, as vendas externas representaram não mais do que 7% dos R\$ 108,79 milhões de faturamento. “Hoje, as vendas mais significativas são para Bolívia, Argentina e Paraguai”, diz. Mas ainda neste ano a Biotrop deve mandar as primeiras remessas para Chile, Colômbia, Equador e Peru. Já a Ásia está no foco de médio prazo.

A Positive Brands, produtora de leites vegetais, comemora os resultados da joint venture firmada em 2020 com o grupo 3Corações. Felipe Carvalho, sócio da Positive, diz que, com a distribuição e logística a cargo da gigante do setor de café, sua empresa dobrou as vendas em 2020. A perspectiva para 2021 e 22 é garantir igual avanço.

A parceria com a 3Corações permitiu que as bebidas da marca “A Tal da Castanha”, a principal da Positive Brands, alcançassem 20 mil pontos de venda. “Para 2022, chegaremos a 30 mil”, diz Carvalho. A produção de leites vegetais, que neste ano alcançou 8 milhões de litros, deve crescer em 2022 para 12 milhões de litros.

Lançamento de CPR's Verdes (16/11/2021)

Broadcast

O êxito das Cédulas de Produto Rural (CPR) Verdes, lançadas em outubro pelo governo para remunerar produtores por serviços ambientais, dependerá do quanto o mercado aceitará pagar pelo papel. É o que diz Guilherme Pessini, superintendente de Agronegócios do Itaú BBA. “Temos um produto similar à CPR Verde, que dá desconto em taxa de juros para quem mantiver a floresta em pé, que ainda não decolou”. O desafio, diz, será casar remuneração que atraia o produtor e retorno do investidor.

ESG no campo (16/11/2021)

Broadcast

A britânica Fairr Initiative – entidade que reúne fundos de investimento globais, com US\$ 40 trilhões em ativos – vai divulgar dia 1.º nova edição do Fairr Index. Nele, as 60 maiores empresas de proteína animal do mundo, incluindo JBS, Marfrig e Minerva, são avaliadas em relação a critérios ESG (ambiental, social e de governança), diz Maria Lettini, diretora-geral da Fairr. Lettini adianta que as três gigantes de carne bovina do País progrediram, “mas não o suficiente para convencer investidores”. Segundo ela, “nem todas divulgam as emissões totais de gases do efeito estufa na pecuária ligadas à sua cadeia produtiva”. Para a executiva, os fundos de investimento “querem um progresso real”, pois os resultados das auditorias “têm sido muito irregulares”.

Mercado de Frutas no Canadá (16/11/2021)

Broadcast

A Câmara de Comércio Brasil-Canadá (CCBC) vê novas oportunidades para as frutas brasileiras no Canadá. “Ainda há muito espaço para ser explorado”, diz Armínio Calonga Júnior, gerente de negócios da CCBC. Segundo ele, hoje as frutas nacionais chegam “frescas” ao país em até 36 horas e conquistam os consumidores locais pelo sabor “exótico”. Até outubro, o Brasil exportou 15% mais frutas para o Canadá (14,2 mil toneladas) e faturou 19% acima (US\$ 21,66 milhões). Melões lideram as vendas.

Ações de exportadoras têm alta na contramão da Bolsa (16/11/2021)

Broadcast

Depois de bater recorde histórico em 7 de junho, o Ibovespa, vem acumulando quedas. Ao todo, houve uma desvalorização de -17,7% no período, e, no acumulado do ano, a baixa é de -10,6%. Apesar do mau humor do mercado com as ações de empresas brasileiras, 13 delas conseguiram seguir na contramão e tiveram alta desde a data do pico do Ibovespa até o último pregão. Empresas dos setores frigorífico, elétrico e de telecomunicação estão entre as maiores altas entre 7 de junho e 11 de novembro. Esses

foram alguns dos poucos segmentos que se mantiveram imunes: 85% dos papéis do Ibovespa tiveram desempenho negativo no período.

O panorama macroeconômico e os indicadores (juros, câmbio, inflação) foram determinantes para definir o tipo de papel que teve ganho, segundo Adriano Yamamoto, analista do C6 Bank. É possível identificar empresas do mesmo segmento, tanto entre as ações que mais subiram quanto entre as que caíram. As cinco ações que mais cresceram desde o pico do Ibovespa são Marfrig (MRFG3), JBS (JBSS3), Embraer (EMBR3), Petrorio (PRIO3) e EDP Brasil (ENBR3). De acordo com Yamamoto, os setores com mais exposição a mercados estrangeiros, caso das companhias de proteína animal, foram impulsionados pela alta do dólar, que subiu 9,8% de junho até novembro.

Ricardo França, analista da Ágora Investimentos, ressalta que além da valorização cambial, os resultados trimestrais das companhias estão agradando o mercado. A Weg (WEGE3) é outra empresa beneficiada pelo câmbio. Focada em equipamentos eletroeletrônicos industriais, a companhia atua em 12 países. Nos últimos cinco meses, suas ações subiram 7,54%. Outro grupo de empresas são as chamadas defensivas. Ou seja: papéis considerados mais resilientes em situações de instabilidade, como os setores elétrico e as companhias de telecomunicações.

Esses segmentos tiveram dificuldade no primeiro semestre, quando a Bolsa estava em alta. Mas a situação mudou nos últimos meses, principalmente para as empresas de telecomunicações. As suas ações foram influenciadas pelo recente leilão do 5G. Com alta de 73,59% no petróleo WTI, empresas do setor de óleo como Petrorio (PRIO3) e Petrobras (PETR3 e PETR4) também figuram entre as ações que subiram.

Alta da Selic deve travar investimentos (16/11/2021)

O Estado de S. Paulo

O ciclo de alta da taxa Selic, iniciado em março, deve atrasar a retomada do investimento produtivo no Brasil. Com as empresas saindo de crises consecutivas desde 2015, muitas delas vão preferir preservar o caixa até que o cenário esteja mais claro, do ponto de vista monetário, fiscal ou político. Além disso, o custo de capital está maior.

Na média, subiu de 7,7%, em dezembro de 2021, para 10,59% em agosto deste ano, segundo o Centro de Estudos de Mercado de Capitais da Fipe (Cemec-Fipe).

A Arezzo informou que o momento não é adequado para fazer novas emissões de dívida. Com a alta de juros, a empresa deve priorizar o crescimento orgânico e manter o “caixa como rei”. O presidente da companhia, Alexandre Birman, diz que, com a alta dos juros, a alavancagem financeira, que nunca foi premissa da companhia, tornasse ainda menos atrativa. “Conceito de ‘cash is king’ (o caixa é o rei) se torna fundamental no cenário de juros que vamos entrar”, diz. A empresa pagou as últimas aquisições com caixa próprio e tem bancado de maneira orgânica a expansão das lojas e do e-commerce, cujas vendas cresceram 36% no terceiro trimestre.

Segundo Carlos Antonio Rocca, coordenador do Cemec-Fipe, apesar de o custo da dívida ainda ser baixo comparado ao dos últimos anos, o momento não é adequado para fazer expansões. Hoje, a taxa de investimento no País está em 18,2%, depois de ter batido em 15% no 2.º trimestre de 2022. “A incerteza é um conteúdo de risco que não dá para medir”, afirma. Rocca destaca que, com a redução da capacidade ociosa (em torno de 85%), as empresas já teriam dificuldade de atender o mercado caso tivessem de aumentar a produção no curto prazo.

Aneel prevê que conta de luz deve subir mais 21% em 2022 (16/11/2021)

Broadcast

O aumento no preço da conta de luz não dará trégua ao consumidor no ano que vem. O reajuste que documentos oficiais do governo e do próprio setor elétrico prevê é superior a 20% em 2022, uma alta que vai turbinar ainda mais a inflação e corroer a renda do cidadão. Documento interno da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) no qual o órgão regulador faz uma projeção sobre o impacto financeiro que a crise hídrica terá sobre a conta de luz em todo o País, devido às medidas adotadas para garantir o abastecimento de energia. “Nossas estimativas apontam para um cenário de impacto tarifário médio em 2022 da ordem de 21,04%”, diz o texto. Considerando dados da, o reajuste acumulado neste ano só para o consumidor residencial já chega a 7,04%.

Nos últimos meses, cada consumidor de energia tem bancado, mensalmente, uma taxa extra incluída na conta para pagar o acionamento das usinas térmicas, que são bem mais caras do que as hidrelétricas. Uma das principais razões de se fazer essa cobrança mensal é evitar que essas contas sejam pagas depois, nos reajustes anuais, como acontecia. Ocorre que nem mesmo as bandeiras tarifárias têm conseguido cobrir o rombo atual. Após analisar as projeções de geração de energia e os custos previstos – incluindo informações do ONS e da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica –, a área técnica da agência reguladora concluiu que, até abril de 2022, as “melhores estimativas” apontam para um rombo da ordem de R\$ 13 bilhões, “já descontada a previsão de arrecadação da receita da bandeira tarifária patamar escassez hídrica no período”, ou seja, o nível mais alto de cobrança da taxa extra.

Entidades cobram solução do governo para preço da energia (16/11/2021)

O Estado de S. Paulo

Instituições que representam os consumidores de energia do País cobram medidas efetivas do governo para resolver o que chamam de caos financeiro no setor.

O coordenador do programa de energia do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), Clauber Leite, afirma que o governo tem falhado em apresentar um planejamento que evite déficits como o atual. “O caminho para mais uma solução insustentável está posto, e isso vemos com a notícia do rombo que ficará para o setor elétrico, após esse acionamento indiscriminado de térmicas. Já tínhamos alertado para esse risco de um novo empréstimo a ser tomado em nome dos consumidores, e parece que temos mais um elemento para irmos nessa direção”, afirmou.

Já o presidente da Associação dos Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (Abrace), Paulo Pedrosa, chama a atenção para o custo médio das térmicas, um triplo acima do normal. “A Abrace vem alertando seus associados há muito sobre a explosão do custo da energia para 2022. Só em relação aos Encargos de Serviço do Sistema (ESS), térmicas contratadas emergencialmente e a Conta de Desenvolvimento Energético (CDE) podem superar o preço de R\$ 130 por megawatt-hora em 2022, quando não deveria ultrapassar R\$ 40”, afirma.

A área técnica da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) concluiu que, até abril de 2022, as “melhores estimativas” apontam para um rombo da ordem de R\$ 13 bilhões, valor que já desconta o que será cobrado do consumidor por meio das chamadas bandeiras tarifárias – uma taxa extra incluída na conta para bancar os custos das usinas térmicas. O acionamento das térmicas, porém, não é o único fator que explica o rombo financeiro do setor elétrico. Outra fatura, estimada em mais R\$ 9 bilhões, que será paga pelo consumidor tem origem nas contratações “simplificadas” de energia feitas pelo governo em outubro. Trata-se de uma “energia de reserva” que será entregue a partir de maio de 2022 para dar mais segurança e evitar o racionamento.

Com ajuda da inflação, contas públicas podem fechar no azul (16/11/2021)

Broadcast

Apoiado em fatores pontuais, o setor público consolidado, que inclui governo central, Estados, municípios e estatais, com exceção de Petrobras e Eletrobras, pode ter em 2021 o melhor resultado primário desde 2013 – o último ano em que as contas fecharam no azul – com superávit de R\$ 91,306 bilhões. Em 2020, o rombo foi de R\$ 702,950 bilhões, o pior resultado da série iniciada em dezembro de 2001. Analistas atribuem o resultado ao desempenho positivo dos Estados e dos municípios.

A bonança, porém, deve ser um ponto fora da curva e tende a ser revertida já em 2022. Em parte, porque o forte resultado é impulsionado por fatores conjunturais. Um deles é o da inflação, que está alta, e influência na arrecadação federal. Outro fator é um aumento do consumo de bens na pandemia, que impulsiona o ICMS, um imposto estadual. Além disso, os programas emergenciais travaram gastos públicos e adiaram o pagamento de dívidas dos governos. Para 2022, há ainda a perspectiva de aumento de despesas pelo governo federal em meio ao ano eleitoral, com o espaço de R\$ 91,6 bilhões que pode ser aberto com a aprovação da PEC dos precatórios no Senado – o texto já passou pela Câmara. A perda de credibilidade fiscal com manobras do governo no teto de gastos também sinaliza uma inversão da trajetória da dívida pública.

O economista Renan Martins, da MCM Consultores, disse que já previa um superávit em 2021 desde o resultado de agosto (R\$ 16,729 bilhões), o recorde para o mês da série histórica, que foi iniciada em dezembro de 2001. Mas, com o resultado de setembro (R\$ 12,933 bilhões), Martins cravou a expectativa superavitária de R\$ 22,7 bilhões neste ano. O setor público consolidado soma superávit de R\$ 14,171 bilhões no ano, o melhor dado para o acumulado de janeiro a setembro desde 2013. É uma melhora de cerca de R\$ 650 bilhões ante o resultado do mesmo período de 2020 (deficitário em R\$ 635,926 bilhões), bastante afetado pelos programas de combate aos efeitos da pandemia de covid-19. Em 12 meses, o déficit é de R\$ 52,854 bilhões.

O rombo primário do governo central saiu de R\$ 677,001 bilhões de janeiro a setembro de 2020 para R\$ 82,381 bilhões neste ano, enquanto o superávit dos governos regionais aumentou de R\$ 37,119 bilhões para R\$ 92,127 bilhões no acumulado de 2021 até setembro, um recorde da série histórica iniciada em 1991. Martins, da MCM, espera um déficit primário de R\$ 91,4 bilhões do governo central, no fim de 2021, compensado pelo resultado positivo de R\$ 108,2 bilhões dos governos regionais e de R\$ 5,9 bilhões das empresas estatais, à exceção de Petrobras e Eletrobras. “Pesarão os dividendos da Petrobras, em R\$ 12,2 bilhões”, diz Martins, acrescentando que não daria tempo para o presidente Bolsonaro usar o valor para abater no preço dos combustíveis, como tem sugerido. Nos governos regionais, Martins avalia que os superávits devem continuar devido à tendência favorável da arrecadação própria, com exceção de dezembro, mês com déficits devido à concentração de despesas como 13.º salários e restos a pagar.

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.

Assessoria de Comunicação – Sedet

Fone: (85) 3444.2900

www.sedet.ce.gov.br